

Coveiro aceita oferta pela colher que usou

SÃO JOÃO DEL REI, MG — O telefone da Igreja de São Francisco de Assis tocou ontem muitas vezes para João Aureliano dos Santos o coveiro que sepultou Tancredo Neves. Eram pessoas de todo o País, interessadas em comprar a colher de pedreiro que usou para lacrar o túmulo. Ele admite que, por volta das 10h30m ficou "com as pernas bambas" diante da proposta de um carioca, que oferecia "quanto quisesse".

— É, agora eu tiro o pé da cova, comentava Aureliano, que mineiramente espera "uma boa oferta" para vender a colher. De quanto, ele não diz: "é só oferecerem uma boa grana".

Na noite de quarta-feira, por pouco mais de meia hora, Aureliano conseguiu prender a atenção de muitos milhões de brasileiros, que acompanhavam ela televisão o sepultamento do Presidente. Ele não tem explicação para a demora do serviço, embora declare que normalmente leva entre cinco e sete minutos para fechar uma sepultura.

Ontem, já preparando o interior da Igreja de São Francisco de Assis para a missa de sétimo dia que se realizará no sábado, João Aureliano não conseguia esconder o gosto pela

súbita fama: passou o dia quase todo concedendo entrevista.

Com 36 anos de idade, 12 dos quais se dividindo entre os ofícios de coveiro, sineiro e faxineiro da Igreja de São Francisco, Aureliano contou que para calafetar as frestas da laje do túmulo usou uma lata de areia misturada a cal e água, sistema criado por seu falecido pai, o pedreiro José Cândia dos Santos.

— Se colocar cimento exala mal cheiro e essa massa de cal e areia não seca nunca — explicava. O interessante é que eu sempre faço o serviço sozinho, mas como o servente de pedreiro (Antônio Rafael dos Santos) que trabalha na construção de uma capela ao lado do cemitério pediu para me ajudar, eu resolvi dar uma colher de chá para ficar perto do Presidente. Mas ele só segurou o balde.

Casado, pai de duas filhas (Rachel e Rejane), admirador e conhecido de Tancredo Neves — que sempre o cumprimentava todas as vezes que ia a Igreja de São Francisco — João Aureliano se diz consciente da importância do enterro e das pessoas que o rodeavam junto ao túmulo 84. Mas manteve a calma, como se tratasse da morte de um cidadão qual-

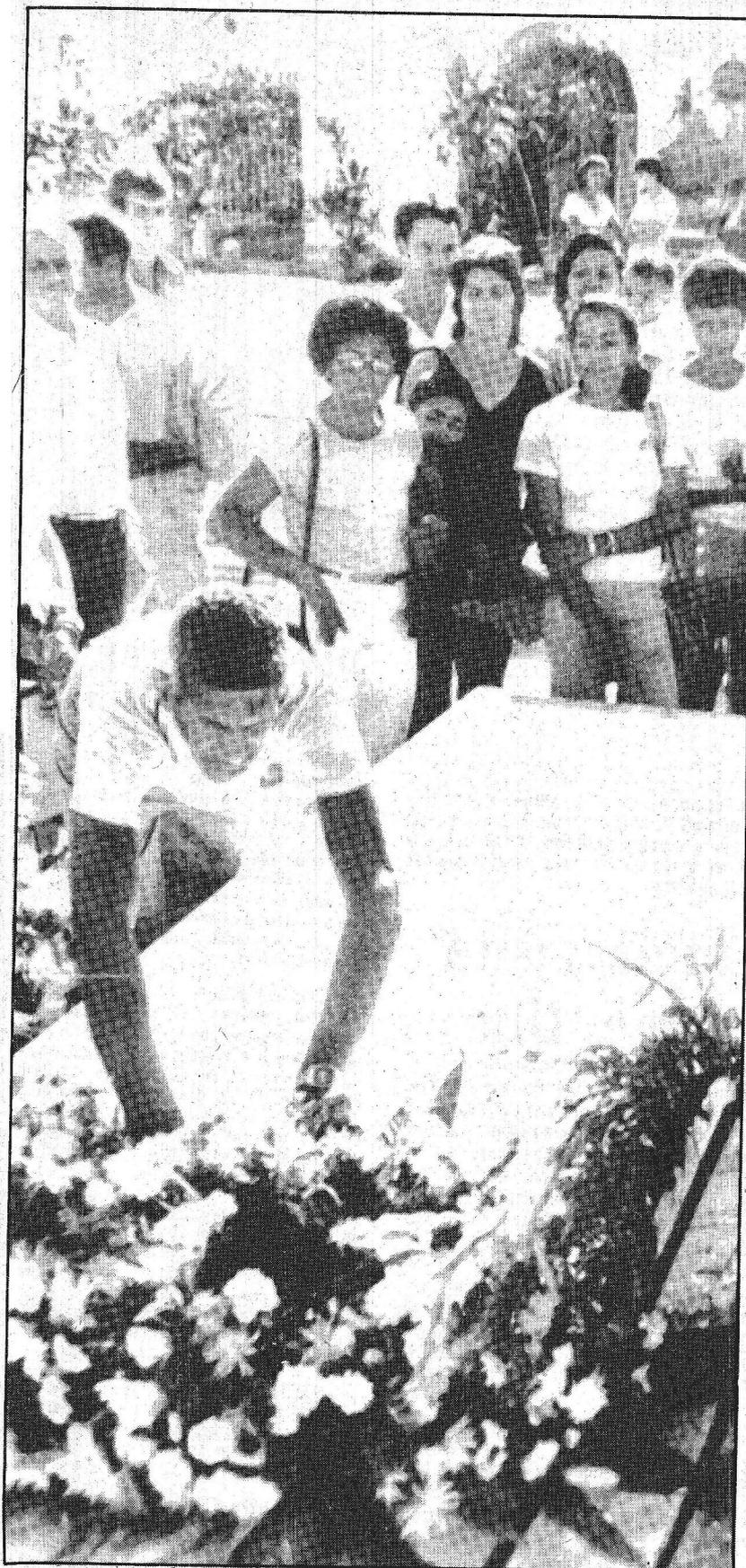
quer.

— É claro que o meu sentimento é o mesmo de todos os brasileiros, mas eu estava muito consciente de que tinha de manter a frieza, porque emoção também mata.

Imperturbável, mostrando uma indiferença a tudo o que o cercava enquanto manuseava a colher de pedreiro, João Aureliano contou que seu ofício só foi interrompido uma vez, quando Dona Risoleta pediu que o caixão fosse colocado em sentido contrário.

— Eu então expliquei que, em enterro de membro da Irmandade da Ordem Terceira de São Francisco, o irmão tem que ser sepultado com os pés virados no sentido da cruz. Só padre pode ser enterrado em sentido contrário. E ela então concordou comigo — explicou.

Devido a importância de Tancredo Neves, João Aureliano é de opinião de que sua sepultura deve ser perpétua, como outras sete do cemitério. Na sepultura perpétua, não se admite o enterro de outro. Este detalhe está sendo estudado pelo Síndico da Irmandade de São Francisco, Alfredo Pereira Carvalho, o "Seu Alfredinho", que vai reunir a Ordem para uma decisão a respeito.



Aureliano sela o túmulo de Tancredo e espera 'boa grana' pela colher de pedreiro